



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Palavras encantadas: Notas de um experimento etnográfico sobre uma vivência afro-religiosa na Amazônia.

Autoria: Anderson Lucas da Costa Pereira

Os diálogos estabelecidos ao longo desses anos de work junto ao contexto afro-religioso no Município de Santarém no Estado do Pará, despertaram-me aten o para a palavra ajuremar, muito usado pelos afro-religiosos da região, sobretudo quando se escuta o mito das três princesas turcas que se encantaram em terras amazônicas. O modo como essa palavra aparecia nas falas dos afro-religiosos fez surgir a possibilidade de traçar e cruzar caminhos outros para a pesquisa que estou pondo em prática. Esse  , portanto, o esforço que estou fazendo para entrecruzar essas ideias, a palavra e as experiências que pude acompanhar. Deste modo, a partir de "pontos de vista" aparentemente não cruzados, mas certamente, "encruzilhados", este artigo trata dos modos de pensar e fazer festa em um terreiro de Umbanda. Aqui, privilegia-se a dimensão descritiva narrativa dos aspectos simbólicos expressados pelas verbaliza es do Pai de santo e filhos de santo do terreiro pautados em seus saberes, assim como as rela es tecidas no terreiro e em outras atividades do cotidiano da festa que aparentemente não estariam conectadas   religião. Sublinha-se que esses saberes e essas rela es incorporam no cotidiano das pessoas, assim como as entidades e espíritos, inúmeros encontros sensíveis e mesmo táteis que causam outros efeitos e possibilidades de transforma es do presente. Assim, neste texto exercito um estilo "etnopo tico" de como reverberar essas vivências na forma de descri es etnográficas, em um experimento de encontros de "etnosaberes". O meu desafio   tentar produzir uma narrativa interessante desses encontros, pois o fato de apresentar longas descri es das falas dos personagens, no decorrer desta escrita, não significa que eu esteja repetindo o discurso "nativo", mas também não   a minha pretensão produzir um discurso unicamente antropológico, cientificista, que



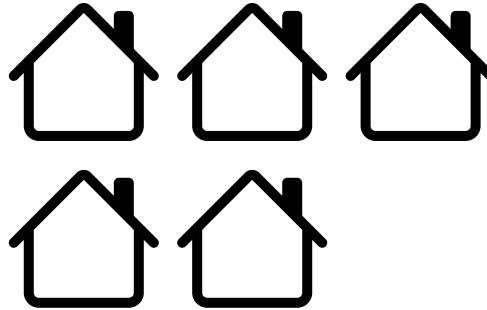
possa marcar alguma espécie de separação absoluta nessa relação. Ou seja, este texto acabou sendo um experimento de como escrever, sem cair no “sonho” “naturalista” de um “conhecimento espontâneo”, e sem cair no “pesadelo” de um discurso academicista que possa esmagar todas as experiências vivenciadas, incluindo as minhas. De fato, a saída deste “pesadelo”/“sonho” está sendo pela poesia e a pintura, o que muito tem a nos ensinar a escrever, ou melhor, pintar e cantar nossas palavras. Por fim, ao se propor descrever os preparativos da festa, se está também descrevendo práticas de conhecimento que fazem do chão de um terreiro um solo fértil para produzir saberes diversos que vão muito além das margens desta escrita.



Realização:



Apoio:



Organização:

